

KENZABURO OE

Morte na água

Tradução
Leiko Gotoda



A current under sea

*Picked his bones in whispers. As he rose and
fell*

*He passed the stages of his age and youth
Entering the whirlpool.*

Uma corrente submarina

Limpou seus ossos num sussurro. Entre subir
e afundar

Viu seus estágios de idade e de jovem
Entrar no turbilhão.

T.S. Eliot, "Morte na água"
(trad. de Caetano W. Galindo)

PRIMEIRA PARTE
História de um afogamento

Introdução

Pilhérias

1

Nem todas as tradicionais casas interioranas possuem um passado de feitos gloriosos de que possam se vangloriar, mas no seio delas sempre existem lendas que, transmitidas oralmente, se perpetuam ao longo das gerações. Tais lendas se criam em torno de ocorrências por vezes fantásticas ou até cômicas e ficam retidas na memória familiar como uma espécie de “pilhéria” genial.

Um fato ocorreu no ano em que ingressei na faculdade, ano em que, por coincidência, também celebramos uma das últimas cerimônias religiosas em memória de meu pai, falecido havia muito. Em meio aos numerosos parentes e familiares que pela primeira vez em bastante tempo lotaram as dependências da casa estava um tio que conseguira casar a filha mais velha com um graduado funcionário do governo, diplomado em direito pela Universidade de Tóquio. Esse tio voltou-se para mim e disse:

— Soube que você também ingressou na universidade em que meu genro se formou e o parabenizo, mas que ramo você escolheu seguir?

Quando lhe respondi que escolhera a Faculdade de Letras, deixou transparecer claramente sua decepção.

— Nesse caso, não podemos esperar que você consiga arrumar um bom emprego... — comentou.

Contudo, minha mãe, pessoa habitualmente discreta, respondeu da seguinte maneira e me deixou aturdido, pois, naqueles tempos, eu só pensava em me tornar um estudioso da língua francesa:

— Ora, se não conseguir emprego, esse menino na certa vai ser escritor! — No silêncio que se seguiu, o que ela acrescentou prestamente desfez a tensão e levou todos a rir: — E material para romance ele tem o suficiente dentro da minha “maleta de couro vermelha”.

Pois essa “maleta de couro vermelha” era uma das já mencionadas lendas, entre fantásticas e cômicas, correntes em minha família. As palavras de minha mãe calaram fundo em mim, principalmente porque um dos meus parentes mais próximos havia rido à minha custa. De fato, três anos depois, época em que eu ainda nem havia definido os rumos de minha vida, escrevi alguns contos de maneira experimental. E a publicação de um deles no jornal acadêmico da Universidade de Tóquio me levou a ganhar a vida como escritor. Ou seja, induzidas pela “pilhéria” de minha mãe, “pilhérias” surgirão outras vezes neste romance, nem sempre revestidas de sua literal insignificância cômica, mas disso falaremos oportunamente, no decorrer da história.

2

Estranhei quando Asa, minha irmã mais nova, ligou para minha casa dias atrás especificando que queria falar diretamente comigo, pois, nos últimos tempos, seu contato vinha se restringindo a lembranças que me mandava por intermédio de cartões de boas-

festas que ela e minha mulher, Chikashi, trocavam no início de cada ano.

— Lá se vai uma década desde a morte de nossa mãe e, de acordo com o testamento dela — um testamento que não sei se tem valor jurídico, pois eu ia anotando os termos conforme ela os ditava —, mas, como eu ia dizendo, o fato é que chegou o ano em que prometi a ela entregar a maleta de couro vermelha a você. Não vou esperar até o dia 5 de dezembro, data do falecimento dela e em que se completarão efetivamente os dez anos, porque achei que estaríamos então muito perto da correria das festas de fim de ano. Você pretende ir a Karuizawa neste verão, não pretende? E o que acha de, em vez disso, vir visitar as florestas de Shikoku para receber a maleta de couro vermelha? Você não tinha se esquecido dela, tinha? Me parece que nos últimos tempos você só tem escrito artigos para sua coluna mensal do jornal, mas romance que é bom, nada...

— É verdade! Não sei se a ideia foi sua ou de nossa mãe, mas o fato é que uma de vocês adiou para dez anos depois da morte dela a possibilidade de eu escrever a continuação da minha *História de um afogamento* com o material existente na maleta de couro vermelha.

— Foi dela, claro. Nossa mãe já não tinha ânimo para escrever porque não estava enxergando bem, mas continuava perfeitamente lúcida. Ela achou que você viveria menos de dez anos depois que ela morresse. Os homens de nossa família costumam partir cedo... Mencionei há pouco a correria no fim do ano porque, conforme já escrevi para a sua mulher, estou patrocinando um grupo teatral composto de jovens interessados em algumas obras do começo de sua carreira. Com relação a isso, eu gostaria de consultá-lo e ao mesmo tempo lhe pedir um favor, ou seja, combinar algumas coisas a respeito da casa da floresta. O que acha de morar algum tempo nela depois de examinar o conteúdo da maleta de couro vermelha? Já

obtive a anuência de sua mulher, e a casa está perfeitamente habitável, porque os jovens do grupo teatral a mantêm arejada e bem-arrumada depois de cada uso, entendeu?

A maleta de couro vermelha e a *História de um afogamento*. No dia em que recebi o telefonema, e a despeito da minha idade avançada, fui tomado por uma excitação que, tipicamente, costuma acometer escritores. Embora o sol ainda andasse alto no céu, recolhi-me ao meu dormitório conjugado com escritório, cerrei as cortinas e me deitei.

Como eu começara a escrever quando ainda cursava a universidade, muita gente ria de mim, dizendo: “Esse não vai muito longe porque começou a escrever sem ter quase nenhuma vivência; também é possível que ele dê uma guinada violenta na carreira, como é usual entre os jovens da atualidade”. Mas isso não me desanimou. Quando o momento certo chegar, vou escrever minha *História de um afogamento*. E estou me preparando para esse dia, pensava eu naqueles tempos. Começaria a escrever o romance na primeira pessoa, subiria e afundaria levado pela corrente submarina e, quando enfim terminasse de contar a história, o escritor seria sorvido de golpe pelo turbilhão...

Na verdade, desde os tempos em que eu ainda não lera por inteiro nenhuma obra literária que merecesse tal classificação, acontecia-me de sonhar com cenas da minha *História de um afogamento*. Basicamente, o sonho recorrente era a experiência vivida por um menino de dez anos, eu mesmo. E quando, aos vinte, me deparei com a expressão “morte na água” num poema escrito por um inglês (lado a lado com sua tradução francesa), foi como se o romance já houvesse se definido em minha mente, muito embora eu ainda não tivesse sequer tentado compor um mero conto experimental.

Apesar de tudo, não me ocorreu começar a escrever essa história. Para ser honesto, sabia muito bem que não tinha treinamento suficiente para empreender a façanha. E embora as circunstâncias fizessem duvidar de minha sobrevivência como jovem escritor, em meu íntimo eu as considerava com otimismo. Um dia, eu ainda haveria de escrever minha *História de um afogamento*...

E sendo esse o caso, teria sido melhor começar a compô-la de uma vez antes que fosse tarde demais. Ainda assim eu me reprimia, convencendo-me de que o momento ainda não chegara. Se escrever essa *História de um afogamento* fosse algo tão fácil, que sentido teria a dificuldade que eu enfrentava naquele exato instante, assim como toda a angústia decorrente da tentativa de suplantar a dita dificuldade?

3

Contudo, aconteceu de, certa vez, eu começar realmente a escrever minha *História de um afogamento*. Eu estava então com cerca de trinta e cinco anos. Havia escrito *Futebol no primeiro ano do período Man'en* e queria descobrir se os frutos que, segundo imaginava, eu obtivera com essa experiência surgiriam na minha *História de um afogamento*.

Mandei então para a minha mãe, sexagenária que vivia em meio à floresta de Shikoku, o primeiro capítulo da obra assim, com o esboço de alguns seguintes, e a eles juntei uma carta solicitando que me mostrasse o material contido na maleta de couro vermelha que ela havia adquirido quando esteve em Xangai, pois queria usá-lo para continuar a escrever o meu romance, cujo personagem central seria o meu pai. Mas de minha mãe — muito embora ela tivesse sido a primeira pessoa a afirmar que a maleta estava repleta de material para

meus romances — não obtive nenhuma resposta direta, muito menos os manuscritos que eu lhe enviara.

Não vendo outro recurso, abandonei a ideia de escrever os capítulos subsequentes, mas, no verão do ano seguinte, levado por profunda irritação, publiquei a obra *No dia em que enxugarás minhas lágrimas com tuas próprias mãos*, em que descrevi de maneira caricata tanto o meu pai como a mim mesmo, ainda um menino, e até mesmo a minha mãe.

De minha irmã, Asa, que à época morava com minha mãe, chegou-me um bilhete: “Nossa mãe vem criticando você em termos ainda mais contundentes do que aqueles desagradáveis que você usou no final do seu romance para descrevê-la. Diz também que ‘o único caminho que nos resta agora é cortar relações com Kogī’”.

Kogī é o meu apelido.

4

Antes, porém, ocorreu em minha família o nascimento do meu primogênito, que veio ao mundo com uma deformação no crânio, acontecimento que, com o passar do tempo, possibilitou-nos, a mim e à minha mãe, reatar o relacionamento. O desenvolvimento de meu primogênito Akari, não obstante suas deficiências, aparou as arestas então existentes e começou por restaurar a relação entre minha mulher e minha família de Shikoku. Com o tempo, também me vi agregado de maneira muito natural ao sereno ambiente familiar que então se estabeleceu. Contudo, minha mãe, por alguma razão desconhecida para mim (pode até ser que ela não quisesse cometer o mesmo erro duas vezes, pois, segundo minha irmã, nas ocasiões em que rememorava o passado, ela costumava dizer que, em minha infância no vale, eu me metera certa vez numa situação demasiado

angustiante e, como ela, minha mãe, havia manipulado as circunstâncias de maneira desastrada, eu teria ficado com a personalidade totalmente distorcida), jamais tomou a iniciativa de falar nem a respeito do capítulo introdutório e das fichas da minha *História de um afogamento* nem do material contido na maleta de couro vermelha, e não mudou de atitude até falecer aos noventa e cinco anos de idade. Não contente com isso, ainda me fez o favor de dispor do uso do referido material em testamento pelo período de dez anos consecutivos à sua morte!

Ainda assim, nunca duvidei de que, algum dia, escreveria minha *História de um afogamento*. Isso, porém, não quer dizer que levei a sério a possibilidade de escrever esse romance a cada momento de minha vida: eu o fiz realmente em algumas ocasiões, como quando vivi sozinho no exterior durante certo tempo, ou naquela vez que se seguiu ao falecimento de uma pessoa querida, mas, por terem sido esporádicas, não resultaram em um novo manuscrito.

5

Apesar de tudo, mal ouvi de minha irmã, Asa, dez anos depois da morte de minha mãe, que era chegado o momento de a maleta de couro vermelha ser entregue a mim; eu só conseguia mesmo pensar em reiniciar o projeto de escrever a *História de um afogamento*, até então suspenso no vácuo. E agora me dou conta de que, pouco a pouco, eu vinha me preparando para isso. A maleta de couro vermelha que Asa estava para me entregar continha, além do material que minha mãe vinha conservando, o capítulo introdutório da *História de um afogamento*, assim como as fichas com minhas anotações. O hábito acumulado em uma vida inteira como escritor já me habilitava a escrever essa história, havia muito pendente. E a essa

noção se juntava uma outra: minha vida como escritor se aproximava do fim.

6

Retomar o projeto da *História de um afogamento*. E para que isso se tornasse possível, até um acontecimento veio apressar a realização do plano de ir a Shikoku receber a maleta de couro vermelha. Moro no topo de uma elevação no extremo da planície de Musashino e, quando desço uma ladeira que leva para o oeste, chego a uma ciclovia construída para os moradores de enormes conjuntos residenciais que surgiram, uns após outros, em certa área antigamente pantanosa, hoje drenada e canalizada.

Eu andava nessa ciclovia com meu filho excepcional a fim de exercitar sua motricidade quando topei com uma pessoa inesperada — assim principiei um romance que publiquei quando eu tinha pouco mais de setenta anos. E se eu agora começasse escrevendo que conheci um novo personagem andando outra vez por essa ciclovia, tenho a impressão de que ririam de mim, dizendo: isso é autoplágio de um escritor em idade avançada que insiste em continuar na profissão. Mas para pessoas idosas que, como eu, levam uma vida isolada, há poucos locais que ensejem contato com o mundo externo.

Certa manhã do começo de verão, deixei em casa meu filho, Akari — sua capacidade de locomoção vinha se deteriorando nos últimos tempos (a dosagem da medicação preventiva de ataques epiléticos também aumentara) e em consequência disso, ele já não conseguia fazer suas caminhadas habituais —, e saí para andar sozinho.

E então uma pessoa às minhas costas que se aproximava a passos leves e ritmo regular logo me alcançou e me ultrapassou. Moça miúda, de cabelo tingido em tom marrom-escuro amarrado em um único feixe na nuca e vestindo camisa e calça de cor bege-clara. A calça, confeccionada em tecido lustroso e fino, não tinha nenhuma ruga e era tão justa que parecia aderida por sucção às suas pequenas nádegas e coxas. As nádegas salientes e arredondadas, sustentadas por coxas firmes, mas nem por isso musculosas, moviam-se com suave flexibilidade. Logo a jovem se distanciou...

Eu mesmo continuei caminhando calmamente e, então, a garota que havia desaparecido de meu campo visual surgiu de novo mais adiante, exercitando-se numa pequena praça provida de bancos e barras para alongamentos. Estendia um pé para a frente num movimento calmo, abaixava-se e, em seguida, se aprumava. Trocava o pé e repetia o exercício. O rosto, que eu entrevira no momento em que me ultrapassara, era arredondado, mas seu perfil era de *hannya*, o demônio feminino das máscaras do teatro nō. (Li algures que as beldades japonesas podiam ser classificadas, por semelhança, em dois tipos: *otafuku*, a máscara de maçãs do rosto altas, bochechas carnudas e nariz pequeno, e *hannya*.) Naquele ponto, o murmúrio do canal se intensifica porque suas águas começam a correr de maneira mais rápida sobre um baixio e também porque o som reverbera numa estrutura de ferro que, envolvendo a área inteira, sustenta a ponte sobre a qual passa o trem expresso Odakyū, mas eu continuava a andar procurando na superfície da água um movimento diferente que provocava outro tipo de som.

E então, repentinamente, bati minha cabeça contra um poste que se erguia bem diante de mim, impedindo-me a passagem! Tão forte foi a batida que me restou por uns cinco dias um hematoma arroxeadado cobrindo todo o lado direito do rosto até o canto externo

do olho. Estonteado, eu ia caindo de costas quando fui amparado por trás de maneira segura e confortável. Dois braços fortes haviam sido passados sob as minhas axilas e rodeavam meu tronco, e minhas nádegas repousavam sobre um suporte fusiforme. Percebi que meu suporte era quente — uma coxa, na verdade — e que minhas costas se apoiavam em seios macios. De algum modo consegui erguer-me sozinho, apoiar meu braço no poste de luz, contra o qual eu tinha acabado de me chocar, e respirar fundo, mas meus ouvidos captaram também meu próprio gemido.

— Por favor, sente-se de novo sobre o meu joelho, sensei — ouvi a moça dizer em voz calma, bem modulada, ao que este pobre idoso, sentindo tonturas, obedeceu, reassumindo a posição anterior...

Apesar de tudo, passado um tempo (que calculei equivalente ao que Akari leva para se recuperar de um ataque epiléptico de média intensidade), ergui-me da coxa da moça, a essa altura quente e até úmida de suor. E, interrompendo minha tentativa de agradecer, a jovem indagou:

— Esse tipo de coisa lhe acontece com frequência?

— Não, não acontece, não.

— Claro, seria horrível se fosse frequente, não é mesmo? — disse a moça, sorrindo com a segurança de alguém que já passou da metade da faixa dos trinta, enquanto eu, músculos faciais ainda contraídos de dor, me punha a explicar o que entendera do meu próprio acidente.

— Este trecho é escuro, e ainda tem o expresso Odakyu passando acima da cabeça, e esse poste de luz na parte inferior... parece provido de um mecanismo que corta a iluminação automaticamente. Percebe como ele engrossa neste ponto? Em comparação, a parte superior do poste é tão fina que não consegui vê-la... E depois, quando cheguei por aqui, minha atenção tinha sido atraída para um espadanar dentro da água e eu caminhava olhando para esse lado.

Agora, o cardume se afastou na direção da outra margem, onde continua a chapinhar: são uma fêmea e quatro ou cinco machos elegantes, cada um provocando a fêmea a cada vez. Na certa é época de desova. Fiquei encantado, pois nos rios de lá de onde venho nunca vejo cardumes de carpas tão grandes. E quando dei por mim, estava prestes a bater a cabeça no poste, coisa que, fosse eu mais novo, ainda teria conseguido desviar no último instante, mas...

— Vejo que o senhor sabe usar as palavras e se explica com exatidão, não é? Creio que possa ter relação com o seu ofício — comentou a jovem. Em seguida, um curto acesso de riso escapou de sua boca.

— Concordo que estar aqui sentado no colo de uma jovem tentando explicar a mim mesmo como foi que tudo isso aconteceu configura uma situação cômica — disse eu, e em seguida agradei formalmente. — Doía tanto que eu não conseguia me erguer. Desculpe a falta de cerimônia. Muito obrigado.

— Ainda bem que não bateu a têmpora. Mas parece que houve um pequeno sangramento na borda da testa. Acho melhor o senhor ir para casa o mais rápido que puder e aplicar gelo no local.

Contudo, enquanto eu me dirigia à ponte sobre o canal — meu usual ponto de retorno —, a jovem começou a me seguir, ajustando seus passos à velocidade dos meus. Foi então que me dei conta de que, quando me ultrapassara antes, a moça devia ter manobrado para me aguardar na pequena praça, se certificar da minha identidade e passar a me seguir, com o intuito de me dizer alguma coisa, mas, em função do acidente e agora tirando proveito do fato de ter me socorrido, procurava entabular conversa.

— Não me apresentei ainda, desculpe-me — disse ela.

— Ora, que é isso, minha trombada contra o poste foi tão inesperada que... — repliquei, mas mesmo enquanto eu falava ela

tentava ler minha fisionomia, e me interrompeu:

— Na verdade, sou membro do grupo teatral The Caveman, dirigido por Masao Anai. Ele me disse que o conhece desde muito tempo atrás. Parece-me que ele lhe escreveu quando formou o referido grupo teatral e obteve do senhor permissão para encenar uma das obras do início de sua carreira. Posteriormente, a apresentação pelo grupo de sua obra *No dia em que enxugarás minhas lágrimas com tuas próprias mãos* fez sucesso e ganhou um prêmio, e esse foi um acontecimento da máxima importância para nós. Tanto que resolvemos transferir a sede do grupo teatral The Caveman para Matsuyama, em Shikoku, e estamos tocando um novo projeto, ou seja, dramatizar outra obra de sua autoria. Não temos palavras para agradecer a ajuda que sua irmã, a sra. Asa, tem nos prestado. Eu também participei da reapresentação de *No dia em que enxugarás minhas lágrimas com tuas próprias mãos*. No elenco que consta no programa da peça, aparece meu nome: Unaiko.

— Mas disso tudo eu também estou sabendo por minha mulher, Chikashi, que por sua vez o ouviu de Asa.

— Vim desejando há muito conhecê-lo pessoalmente. E quando pedi à sra. Asa que intermediasse nosso encontro, já que eu vinha para Tóquio por diversos motivos, ela me disse que o senhor era do tipo que tem aversão por entrevistas e formalidades, coisa bastante compreensível na sua idade, e me sugeriu que o abordasse de maneira casual. Me informou ainda que o senhor costuma andar quase todas as manhãs por uma ciclovía próxima à sua residência, confirmou o horário com a sua esposa, a sra. Chikashi, e me aconselhou a tocá-lo por aqui. Claro que não ousei perguntar a respeito da rota que o senhor sempre percorre. E bem no primeiro dia, não sei se feliz ou infelizmente (nesse ponto, a curta risada escapou de sua boca outra vez)... claro que para o senhor foi uma

infelicidade, mas eu mesma tirei a sorte grande quando o senhor trombou com o poste...

A rota de caminhada que eu estabelecera cruzava a ponte seguinte rumo à margem oposta do canal e retornava até o ponto de partida, passando por um caminho macio pavimentado de areia preta e vermelha. Sempre conversando, a jovem continuou a me acompanhar. A pele de minha testa e da região entre a orelha e a sobrancelha inchava, formando um abscesso doloroso, e a febre parecia estar tomando conta de tudo. Calei-me, portanto, e a jovem continuou a falar sozinha.

— Na verdade, sua irmã me contou que, neste verão, o senhor decidiu levar adiante o plano de retornar à sua terra natal depois de longa ausência. Que o senhor ficará na casa da floresta. Mas que, para isso acontecer, seria preciso promover uma faxina geral na casa, serviço para o qual ela quis pedir a ajuda dos rapazes do grupo teatral *The Caveman*. Aceitamos com muito prazer a incumbência, mas, durante a semana em que convivi com sua irmã fazendo a limpeza da casa, perguntei a ela o motivo do seu retorno à floresta. Então fiquei sabendo que sua irmã se tornou guardiã de certa maleta de couro vermelha que sua mãe, ao falecer, deixou em testamento para o senhor. Agora, dez anos depois do falecimento de sua mãe, sua irmã está encarregada de lhe entregar a referida maleta. Com o material contido nela, o senhor começará então a escrever a sua *História de um afogamento*, um projeto longamente acalentado. E conforme indica o título, o início da história teria a ver com o transbordamento do rio que corre pelo vale... E uma vez que já estaria por lá, o senhor queria fazer aquele tipo de pesquisa que, numa filmagem, costumam chamar de *location hunting*, ou seja, buscar locações para cenas externas. E se Masao Anai quisesse ajudá-lo nessa empreitada, já que conhece muito bem suas obras e na

verdade até já montou uma peça baseada numa delas, isso talvez se mostrasse proveitoso para ambas as partes. Sua irmã achava também que fazia sentido esperar a ocorrência de um novo transbordamento do rio e pôr a flutuar nele um bote com a mesma estrutura daquele usado por seu pai para navegar a correnteza e morrer. Disse também que acreditava que os rapazes da companhia teatral executariam a contento tanto o trabalho braçal de limpeza geral da casa quanto esse outro, mais cerebral... Não sei se nós, os jovens da companhia, Masao à parte, teremos capacidade para executar tudo isso (apesar do que dizia, a jovem me pareceu confiante), mas estamos muito entusiasmados. A sra. Asa já teria lhe contado tudo isso?

— Já falei para Asa que planejo ficar algum tempo morando na casa da floresta enquanto examino o capítulo de abertura e as fichas de anotações do livro que comecei a escrever quando era mais novo, assim como alguns documentos referentes ao meu pai, e que aproveitaria também para pesquisar in loco os detalhes do romance... Estou sabendo também a respeito do grupo teatral The Caveman, embora não de maneira tão minuciosa quanto você explicou.

— Masao Anai ficou aflito porque conhece muito bem o meu jeito de ser e me aconselhou a não solicitar muita coisa ao senhor desde o começo se, por sorte, eu conseguisse encontrá-lo, pois, de acordo com ele, quando se ofende, o senhor se torna uma pessoa muito difícil de se lidar. Por tudo isso, eu pensava apenas em lhe dizer que todos nós, do grupo The Caveman, desejamos do fundo do coração que tudo o que o senhor planejou realmente se concretize. Pensando agora, acho que o que aconteceu com o poste lá na pracinha foi extremamente fortuito por ter me propiciado a oportunidade de conversarmos de maneira tão aberta.

A jovem e eu estávamos parados no ponto em que a ciclovia se encontra com a rodovia e em frente a canos dispostos horizontalmente a pouca altura do chão para barrar a passagem de automóveis. Daquele ponto, eu seguiria ladeira acima e retornaria à casa no topo da elevação. Assim comuniquei à jovem, enquanto ostensivamente cobria com a mão a área ao lado da orelha e da testa.

— Esta rota, que percorre ambas as margens do canal e é interligada por uma ponte, é usada para caminhadas ou, dependendo da pessoa, até para corridas. Um encontro fortuito nesse local só é possível se alguém vem ao seu encontro pela frente, ou vem por trás e ultrapassa você, ou, numa terceira hipótese, se você ultrapassa alguém. Se você viesse pela frente e eu percebesse que queria alguma coisa de mim, eu provavelmente passaria por você e a ignoraria, mesmo que me dirigisse a palavra. E se você se aproximasse por trás, eu me sentiria ainda mais pressionado e não seria capaz de reagir de maneira cordial. Minha trombada no poste de luz foi sem dúvida um acontecimento significativo, já que eu também considereei positiva a nossa conversa. Então, por favor, peça a Asa que me ligue, pois quero tratar com ela a respeito do assunto de que falamos.

Enquanto eu me preparava para me afastar rumo à ladeira, a jovem me perguntou numa voz que, diferente da usada até então, me soou subitamente alheada, não quanto à minha pessoa, mas como se um pensamento repentino a houvesse tragado para dentro de si mesma.

— Mudando um pouco de assunto, não é verdade que certo estudioso da literatura francesa, que aliás também foi seu mentor, o sr. Chōkō, traduziu um extenso romance escrito no século XVI? Segundo ouvi dizer, existe um episódio nesse romance em que um

personagem provoca um rebuliço enorme na cidade de Paris com a ajuda de um bando de cães...

— Existe, realmente. O romance se chama *Gargântua e Pantagruel* e é de Rabelais... O referido episódio surge em *Pantagruel*, o primeiro volume desse romance realmente extenso: Panurge, o súdito favorito do rei de uma população de gigantes, resolve pregar uma peça em certa dama da aristocracia que repeliu seus avanços amorosos. Ele apanha uma cadela em plena época de cio, diz a história, e lhe dá uma comida substanciosa — na certa para intensificar sua sexualidade — e depois a sacrifica para extrair determinado órgão das entranhas dela. Ele então esmaga e esfarela esse órgão e sai com o produto no bolso do paletó. Depois, esparge o produto nas mangas e nas pregas do vestido da dama em questão. Atraídos pelo cheiro, diversos cães machos começam a se juntar. Eles correm ao encontro dela e há uma cena de violência. Essa é a história. Mais de seiscentos mil e catorze cães teriam se juntado...

— Sei que o cão morto no começo da história era uma fêmea, mas o que teria sido extraído de suas entranhas?

— Não acho que este seja o local apropriado... Afinal, você é uma moça que acabo de conhecer e... — disse eu, realmente constrangido, rememorando ao mesmo tempo a expressão satisfeita e o tom jocoso do professor Musumi ao falar desse trecho, mas eu me lembrava de uma de suas detalhadas notas de tradutor. — Era o útero da cadela. Parece que esse efeito já era conhecido por cientistas desde os tempos da Grécia Antiga, e os magos da Idade Média usavam o produto como elixir do amor...

Em silêncio, a jovem se despediu com uma mesura e se afastou. Reparei então que eu mesmo havia sentido um estranho prazer na singularmente divertida conversa da moça e, ao mesmo tempo, me dispus a acatar as solicitações, tanto dela como de Asa.

I. A chegada do grupo teatral The Caveman

1

Minha irmã Asa, que viera me buscar de carro no aeroporto de Matsuyama, apresentou-me o seguinte relatório.

— Os jovens da companhia teatral The Caveman estão muito felizes com a perspectiva de você permanecer na casa da floresta por algum tempo. Parece-me que o líder da trupe andou muito aflito quando soube que uma das diretoras do grupo tomara sozinha a decisão de ir a Tóquio (para mim, ela havia revelado essa intenção) falar diretamente com você, pois temia que tudo aquilo que o grupo viera preparando com tanto cuidado fosse por água abaixo. Depois, tem a questão do monumento erguido em sua homenagem por ocasião do prêmio que você recebeu: a Prefeitura nos sondou a respeito do destino que você pretende dar ao monumento, já que ele está atrapalhando o traçado da nova rodovia em construção. Conforme instruções de sua mulher, Chikashi, transmiti aos órgãos competentes que não havia necessidade de transportá-lo para lugar algum e que a base da peça podia ser destruída. Disse a eles também que você retiraria o corpo da peça, que contém algumas linhas de um poema que você escolheu dentre os diversos escritos por nossa mãe, às quais você acrescentou outras de sua própria autoria. Você nunca viu o monumento desde que ele foi inaugurado, não é? Nesse

caso, vamos até lá agora para que você o veja ao menos uma vez no local onde foi erigido. A viagem daqui até Ōkawara, em Honmachi, leva cerca de uma hora e meia. Quer dormir enquanto dirijo?

Em seguida, Asa seguiu caminho voltando para mim o perfil de lábios cerrados com firmeza e, conforme ela previra, cerca de uma hora e meia depois, chegamos ao ponto em que a margem do rio se transforma num parque. Cruzamos o rio por uma ponte recém-construída e nos vimos numa área em que o alargamento da rodovia federal, que deveria cortar o parque em linha reta, tinha sido momentaneamente interrompido. Em meio à terra que ficara revolvida depois da retirada de uma romãzeira e de um pé de camélias que, segundo me contaram, foram plantados por minha mãe, havia uma pedra arredondada que diziam ser um meteorito. Desci até a margem do rio e, ao erguer a vista, na pedra de um tom verde-claro havia um poema, cujo original eu escrevera a caneta para ser posteriormente ampliado e gravado.

*Sem ao menos preparar Kogī
Para a subida à floresta,
À casa não retorna
Como alguém que o rio levou.
Numa Tóquio em tempo de seca,
Ele recorda às avessas
Desde a velhice até a infância.*

— Não está tão ruim quanto imaginei pelo que você me contou — comentei.

— Para começar, a terceira e a quarta linha do poema escrito por nossa mãe não tiveram boa aceitação — disse Asa. — Isso não é nem *haiku* nem *tanka*, disseram as más línguas. Contra esse tipo de comentário não se consegue argumentar, mas o conselheiro do

*image
not
available*

nossa mãe, sua resposta é de uma pachorra espantosa, eu acho. Na época em que nossa mãe escreveu esses versos, você continuava sendo Kogī para ela, mas ela queria saber também de que maneira você pretendia preparar seu filho, Akari, para subir à floresta. Eu mesma acho, porém, que essa sua resolução de morar uns tempos na casa da floresta tem a ver com tudo isso e, mais ainda, que é justamente uma das medidas preparatórias para que Kogī empreenda essa subida.

Asa se calou e, depois de dirigir em silêncio por algum tempo, encostou o carro à beira da estrada.

— Se você subir por essa senda que mais parece uma velha trilha aberta por animais selvagens, chegará à casa da floresta. Você não tinha se esquecido deste atalho, tinha? Estou um tanto atrasada, de modo que preciso pedir a você que desça aqui para eu poder seguir direto para minha casa. Descanse um pouco: logo mais, eu lhe trago o jantar e a sua bagagem. Mudando um pouco de assunto, a jovem com quem você se encontrou em Tóquio vai procurá-lo na casa da floresta em companhia de Masao Anai. Você sabe que esse homem foi discípulo de Gorō Hanawa, não é? A moça disse que, quando vocês se encontraram em Tóquio, ela conseguiu ao menos uma abertura para tratar das diversas coisas que ela gostaria que você realizasse em associação com o grupo teatral a que ela pertence; e amanhã os rapazes da trupe também vão aparecer lá na casa da floresta para concluir essa outra questão, já decidida, da remoção da pedra comemorativa. Terminado o serviço, quero que se reúnam para falar de que maneira vocês vão se relacionar daqui em diante. Ele deposita uma grande esperança no projeto. Colabore, está bem?

*image
not
available*

“*sem ao menos preparar Kogī/ para a subida à floresta*” não estaria contradizendo o universo das lendas criado pelo escritor Chōkō? Pois, na verdade, esse seu alter ego dos tempos de criança veio descendo da floresta e, posteriormente, foi-se embora voando para a floresta, não é, sr. Chōkō?

— Exatamente. Mas o Kogī aqui referido é o do meu apelido dos tempos de criança. E embora use essa alcunha infantil, minha mãe questiona a mim, o homem adulto. Ela sobrepõe duas questões: que preparativos você fez quanto ao seu próprio fim e o que pretende fazer com Akari? Aqui, o que minha mãe está tentando me dizer é: se você quer se preparar para a própria morte, a primeira coisa a fazer será preparar Akari para a subida à floresta, entendeu?

Nesse ponto, Asa retornou para perto de nós e comunicou:

— Os rapazes disseram que vão andar de carro por umas três horas para os lados de Odamiyama. Esses meninos da trupe The Caveman me deram de fato muito boa impressão: têm força física, mas também sabem se comportar de maneira conveniente quando estão na casa dos outros.

— Tudo isso é resultado da educação que Unaiko lhes dá — afirmou Anai.

E então tomamos o café que Asa preparou e Unaiko nos serviu na sala de jantar que, sem dúvida alguma, era espaçosa o bastante para comportar mais dois rapazes.

— Masao, aqui presente, tem dito que, durante a estada do meu irmão na casa da floresta, gostaria antes de mais nada de lhe ser útil de alguma maneira, mas que ele próprio também pretende obter a sua cooperação na composição de uma peça teatral. Agora, eu gostaria que Masao explicasse ao meu irmão o que tem em mente — disse Asa.

*image
not
available*

críticos teatrais, não é? Pois nós vamos submeter o resumo de nossa próxima obra. A princípio, pensei em escolher a continuação daquela obra. Mas, no caso de *No dia em que enxugarás...*, essa continuação não existe. Então, fiquei com vontade de procurar um símbolo que permeasse a totalidade de suas obras. Esse símbolo é Kogī. Em suas obras, o senhor atribuiu esse nome a alguns indivíduos diferentes a cada vez. Um deles, por exemplo, é uma criança idêntica ao senhor mesmo, sr. Chōkō, e na sua infância essa criança vivia em sua companhia. O senhor a chamava de Kogī. Certo dia, Kogī andou pelo espaço e partiu para um lugar lá nas alturas, ou seja, retornou à floresta. Isso quer dizer que esse Kogī, apesar de possuir corpo físico, anda pelo espaço e voa. É um ser que vai muito além de uma criança real, é transcendental. No resumo que apresentei ao comitê da fundação, procurei explicar de que maneira representaria em termos objetivos esse personagem transcendental. Deveria pô-lo em cena dando-lhe forma real, ou apenas faria a plateia sentir-lhe a presença? Estou pensando em simplificá-lo ao máximo cenicamente. A matéria-prima foi retirada da totalidade de suas obras, sr. Chōkō. Aprendi a fazer anotações em forma de fichas quando li o ensaio que o senhor escreveu na época em que ainda era um estudante universitário. Não sei se vou mantê-lo desse jeito quando apresentar a peça, mas, por enquanto, para efeito de ensaio, Kogī está sendo representado por um pequeno boneco. Unaiko emendou retalhos e estofou o corpo para dar-lhe forma. Vou posicioná-lo no ponto mais alto do palco. Já usei esse tipo de material cênico em outra peça. E esse boneco Kogī que contempla o palco lá de cima vai influenciar os atores e as atrizes em cena. Acredito que só isso será suficiente para criar o efeito que procuro, ou seja, o efeito Kogī. Uma das primeiras aparições de Kogī acontece em um conto do início de sua carreira, e fui buscá-lo em meio à coletânea de suas obras porque me

*image
not
available*

A caminhonete do grupo The Caveman chegou na segunda-feira seguinte, às nove da manhã. Masao Anai, Unaiko e os dois rapazes já nossos conhecidos vieram nela. A viagem devia ter sido cansativa para os rapazes, pois, visando evitarem o congestionamento do tráfego matinal, eles haviam saído de Matsuyama antes das seis. Embora os dois tivessem nos cumprimentado de uma maneira que sugeria não estarem ainda perfeitamente acordados, demonstraram espantosa agilidade no momento em que começaram a trabalhar para transformar o andar térreo num pequeno teatro com a ajuda de Asa.

Isso significava apenas que os rapazes estavam habituados a esse tipo de trabalho pesado e tinham encontrado um bom desafio à frente. Na verdade, Asa e Unaiko haviam combinado de antemão todas essas providências, as quais representavam os primeiros preparativos para ajustar a casa da floresta ao cotidiano que passaríamos a compartilhar. Asa minimizara o trabalho, referindo-se a ele como uma redecoração da casa, mas logo isso se transformou em algo que foi muito além de minhas expectativas. O próprio envolvimento de minha pessoa em seguidas entrevistas era uma técnica do grupo The Caveman. Pareceu-me também que, no aspecto arquitetural, a casa da floresta, que Asa pusera à disposição da trupe, era o lugar propício para essa finalidade. Asa guiou os trabalhadores para dentro da casa em que ela própria havia feito uma arrumação básica durante o domingo.

A ala ocidental do segundo andar abriga minha biblioteca e meu dormitório conjugado com escritório, além de mais um quarto. Nessa área ninguém entraria.

A metade da banda norte da ala oriental do andar térreo havia sido originalmente construída como sala de visitas, mas nunca chegou a ser usada. Ocupando a metade da banda sul ficam a entrada e um estreito hall, um lavabo para visitas e uma escada que leva ao andar

*image
not
available*

basicamente formado, o que acha de iniciarmos os trabalhos a partir da história de Kogī? Desse modo, o senhor não só conseguirá captar a maneira como trabalhamos com as entrevistas, como também o modo como as encenamos. O diretor Hanawa parecia ter suas próprias ideias quanto a transformar Kogī em tema de filme, mas não me adiantou mais nada a respeito disso, de modo que eu mesmo só o conheço por meio de seus romances. Nesta altura, eu gostaria de lhe perguntar: o que acha de me falar a respeito de Kogī da maneira como mais lhe convém?

E a proposta, feita com tanta naturalidade, me cativou. Como já acontecera antes, Unaiko posicionou a parafernália do gravador no balcão que separava a sala de jantar do salão e me explicou a respeito do microfone que seria fixado em minha gola. Anai, por sua vez, mandou os rapazes trazerem de volta a poltrona que tinham acabado de transportar para a sala de visitas. Logo a poltrona foi posicionada no meio do palco. Acho que a eficiência e a presteza com que esses preparativos foram feitos também me convenceram.

— Por favor, sente-se como lhe for mais confortável, sr. Chōkō. Embora eu ache que mudaremos o formato a cada cena, eu me instalarei agora diagonalmente à sua frente e lhe falarei de uma maneira bem simples. Se ficar cansativo para mim, lançarei mão de qualquer cadeira disponível para me sentar. Quanto ao senhor, poderá se erguer e andar livremente, caso se entedie permanecendo o tempo todo sentado. Foi para lhe possibilitar esse recurso que Unaiko prendeu o microfone em sua gola... O senhor deve imaginar que a pedra, transferida há poucos dias para o seu jardim, repousa agora neste ponto diretamente à sua frente em que o senhor está fixando seu olhar neste momento. O poema... as linhas iniciais que o senhor considerou ser possível definir como um *haiku* estão gravadas bem aí, à sua frente. Começando:

*image
not
available*

julgaram agora mais um *kawanagare*. Conforme está entalhado naquela pedra, “à casa não retorna/ como alguém que o rio levou”. Um *kawanagare*... Diferentemente da continuação escrita por mim, era final de outono, época de muita chuva, e vivíamos num vale, de modo que se uma mãe tivesse corrido para os bombeiros em busca de ajuda para localizar um filho desaparecido, na certa teria pedido a eles que fossem procurá-lo a jusante do rio. Mas minha mãe foi lhes pedir exatamente o oposto, isto é, que subissem à floresta. Por causa do temporal, o caminho que levava à floresta se transformara em outro caudaloso rio, mas ela havia implorado que fossem para dentro da floresta, proeza que, naquele momento, devia ser semelhante a remar contra a correnteza. Creio que, nesse ínterim, a chuva amainou e, quando os bombeiros decidiram enfim se embrenhar na floresta, encontraram no interior do oco do castanheiro (essa árvore gigantesca era bem conhecida por crianças e adultos quase como um ente sagrado, um santuário no meio da floresta) um pequeno ser que, gripado e ardendo em febre, se debatia em delírio como um filhote de javali, opondo resistência à ajuda... E foi esse pequeno embrulho que os bombeiros trouxeram nos braços, montanha abaixo. É estranho, não acham? Como é que minha mãe sabia, ou intuía, que em vez de ter sido arrastado pelo rio, eu havia subido à floresta? Vez ou outra, adultos da aldeia dizem coisas cruéis para as crianças. Muito tempo depois desses acontecimentos, eles continuaram me repreendendo quando me viam: “Moleque, você deu um trabalho danado para os bombeiros com essa sua história de ir atrás de Kogī e se perder na floresta”.

*image
not
available*

II. Ensaio da peça *No dia em que enxugarás minhas lágrimas com tuas próprias mãos*

1

Eu imaginava que Asa me entregaria a maleta de couro vermelha de minha mãe assim que me acomodasse no vale. Mas, num primeiro momento, Asa, que já havia dito na presença do grupo The Caveman para eu não ter pressa em examinar o conteúdo da maleta, me devolveu apenas o manuscrito do capítulo introdutório da minha *História de um afogamento* e toda a papelada relacionada a ele, coisas que eu lhe havia mandado por correio quase quarenta anos antes, pois naquele tempo minha irmã e minha mãe moravam juntas na mesma casa. Asa se justificou dizendo que no material contido na maleta de couro vermelha que eu estava por levar comigo para Tóquio havia coisas que ela queria copiar e guardar para si como lembranças de nossa mãe.

Quando abri o envelope que ela me entregou, vi que a quantidade de papéis era bem menor do que aquela de que eu me lembrava. Excetuando os diversos tipos de esquema, o que eu compilara em forma de romance totalizava pouco menos de vinte folhas de papel quadriculado para quatrocentos caracteres, folhas essas que eu enviara à minha mãe tão logo acertara o capítulo introdutório, solicitando-lhe ao mesmo tempo que me mostrasse as cartas que meu

*image
not
available*

o trabalho, respondi a uma pergunta relacionada ao manuscrito, cuja cópia já entregue a Masao Anai fora lida por ele e também por seus companheiros.

— Falando com franqueza, nunca havia dado muita importância ao papel representado por Kogī em meus sonhos até o momento em que li o que eu próprio havia escrito. Creio que o sentido se tornou aparente a partir da direção que vocês imprimiram à peça. Os versos “*À casa não retorna/ como alguém que o rio levou*”, escritos por minha mãe, contêm o apelo de uma pessoa que passou anos e anos pensando apenas numa questão e suprimiu qualquer excesso, interessada apenas em fazer o filho entender. Com relação ao fato de eu mesmo não ter estudado mais a fundo o sonho que sempre me atormenta e de apenas usá-lo como texto introdutório da minha *História de um afogamento*, quero a partir deste instante abordar com vocês a metáfora que Masao atribuiu a Kogī para que, assim, eu mesmo possa compreendê-la direito. O bote que havia em minha casa fora dispensado pelo Exército e trazido por jovens oficiais que vinham visitar o meu pai. E Kogī estava no interior desse bote com o qual meu pai pretendia sair remando para dentro da correnteza. Realmente, esses detalhes constituem o formato original do sonho que venho tendo até hoje e são de suma importância. E por que eu sonharia com isso? Depois de muito pensar, chego à conclusão de que é porque eu vi Kogī no bote de meu pai e me lembro disso como um acontecimento real. E isso se transformou em conteúdo de um sonho e assumiu contornos nítidos. Não é que eu venha sonhando com um acontecimento que, embora nunca tenha ocorrido, passei a acreditar ter sido real por causa do sonho. Eu devia ter alcançado o bote em que meu pai embarcara e, enquanto o empurrava para a correnteza, precisava também ter entrado nele, mas falhei no ponto mais importante da sequência de procedimentos que eu havia

*image
not
available*

raspadas e postas a secar. As cascas secas eram então enfeixadas e armazenadas num depósito. Até esse ponto, o trabalho era dos agricultores, mas as cascas precisavam ser lavadas por mulheres e idosos na água do rio, e raspadas até que restasse apenas a sua parte branca. Meu pai, que não era do tipo de trabalhar ostensivamente, acabou projetando um instrumento de raspagem das tais cascas e solicitou sua confecção numa região famosa por produzir adagas dobráveis, semelhantes a canivetes. E estocou uma grande quantidade delas, preparando-se para a escassez de ferro da época de guerra. Para transportar as cascas alvejadas, ele tinha de comprimi-las e adequá-las ao tamanho estipulado para o transporte por vagão de carga. Projetou então uma máquina de considerável tamanho destinada a empacotar o produto e chegou até a patenteá-la. Ele devia ter forte interesse por mecânica, pois acredito que não chegou a fazer nenhum curso nesse ramo. Eu mesmo sinto atração por atividades semelhantes, como bricolagem. Pois bem, de que maneira ele pretendia vencer a escassez de alimentos? Meu pai voltou a atenção para as amarílis que, a cada estação, tingiam de rubro o barranco do bosque das castanheiras. Desde o término da florada das amarílis no outono que antecedeu a derrota do país na guerra até o verão do ano seguinte, isto é, até alguns meses antes da noite do aguaceiro e da enchente em que meu pai morreu afogado, ele administrou um empreendimento. Antes de mais nada, meu pai propôs ao diretor da escola pública que ocupasse os alunos fazendo-os cavar e colher os bulbos das amarílis. O trabalho seria remunerado. As crianças se lançaram à tarefa com entusiasmo. O armazém destinado a estocar as castanhas e os caquis durante a safra ficou abarrotado de bulbos. Meu pai construiu uma fábrica num pedaço da horta existente nos fundos de minha casa e que pertencia à minha mãe, horta essa cercada e sustentada por um muro de pedra.

*image
not
available*

nossa frente. Estamos relendo uma vez mais toda a sua obra com a intenção de referenciar as citações que irão reforçar os detalhes da nova peça prestes a nascer. Hoje, porém, encenaremos algumas cenas da peça *No dia em que enxugarás minhas lágrimas com tuas próprias mãos*, que já está pronta. A primeira cena é aquela em que um menino de dez anos, escoltando o pai — um personagem que todos ao redor chamam de professor Chōkō —, parte para a guerra em companhia de oficiais militares que desertaram do regimento estacionado em Matsuyama. E essa pantomima se desenvolve em primeiro plano de maneira muito lenta por pura necessidade, já que é bem vagaroso o deslocamento do carro feito de caixote de madeira dentro do qual o dito professor Chōkō se encontra sentado. Na verdade, esse cenário se sobrepõe a um outro em que um homem com problemas psicológicos, deitado numa cama no fundo do palco, fala sem cessar. No começo, esse homem é representado por Unaiko, quase invisível debaixo de cobertores e lençóis. Ao lado da cama está uma silenciosa mulher usando uniforme de enfermeira, cuja fisionomia demonstra claros indícios de ceticismo com relação à história contada pelo homem. A enfermeira será representada por Kaku, um dos rapazes da dupla que o senhor já conhece. Depois que a peça começar, e apenas se o senhor quiser, é claro, experimente declamar, conforme estão registradas no script, as linhas do homem que, deitado na cama, relembra mentalmente o verão de 1945, pois essa fala está sendo enunciada pelo menino em primeiro plano: esse menino é ninguém menos que o próprio homem, vinte anos atrás. Não deve ser algo difícil para um escritor, uma vez que a fala é a transcrição fiel, linha por linha, daquela que existe no romance *No dia em que enxugarás minhas lágrimas com tuas próprias mãos*, de sua autoria. Muito bem, vamos começar.

*image
not
available*

Contudo, no momento em que esse contingente de mais de vinte jovens atores — rapazes e moças do grupo The Caveman cuja maioria eu via agora pela primeira vez — transformado em bando de soldados usando quepes feitos em casa e portando espadas de madeira se juntou ao coro que cantava em alemão, o palco pareceu explodir em vívida animação.

Da wischt mir die Tränen mein Heiland selbst ab.

Komm, O Tod, du Schlafes Bruder,

Komm und führe mich nur fort...

E quando o coro se abrandou, o enfermo (Unaiko) deitado na cama de campanha se ergueu e, contrastando vivamente com o monólogo sereno de há pouco, pôs-se a falar em tom de voz alto que dominou o palco.

Vamos lutar e morrer com esse exército que se levantou sob o comando de meu pai! E enquanto eu assim pensava, da região urbana da província surgiram aviões de caça em voo rasante e os nossos soldados disseram: “Olhem só a bobagem que esses sujeitos estão fazendo! Eles estão desesperados! E antes que destruam todos os aeroplanos, temos que assegurar alguns para o nosso objetivo! Precisamos no mínimo de uns dez aeroplanos, só assim seremos capazes de contra-atacar e alcançar a cidade imperial! Nós todos embarcaremos neles rumo ao palácio imperial, cerne do Império japonês, e morreremos como heróis! Se alcançarmos o nosso objetivo, seremos os primeiros a morrer por nosso Imperador, morreremos todos seguindo seus passos!”

Assim gritavam eles. “Juntos, todos nos sacrificaremos!” Os ferrões dessas candentes palavras penetraram em meu coração infantil e ali continuaram a arder. “Todo o exército que se ergueu sob o comando de

*image
not
available*

daqueles oficiais, concorda? Hoje, você pretendia assistir ao ensaio do grupo The Caveman com uma postura crítica, mas quando o coral começou, você enrubesceu e se pôs a cantar com sua voz esganiçada. E enquanto eu o observava cantando, senti que aquilo poderia representar algo assustador. O sentimento é complexo, uma vez que, conforme lhe disse há pouco, eu também fiquei emocionada.

Tentei pensar a respeito daquilo que Asa classificava como algo assustador e complexo. Nós dois permanecíamos no quarto agora escuro e contemplávamos o modesto roseiral de Chikashi, o espaço vazio do vale anoitecido com suas esparsas luzes piscando, assim como o céu do entardecer ameaçando chuva, agora levemente tingido pelo crepúsculo. Asa, então, continuou:

— Você precisa entender que não estou nem um pouco preocupada quanto à possibilidade de os críticos acharem ou não que você começou, a esta altura da sua vida, a adular os militares. Contudo, acho que, desta vez, com a cooperação do grupo The Caveman (sei que o exame do conteúdo da maleta de couro vermelha é mais importante que tudo, naturalmente), mas como eu ia dizendo, desta vez você está para iniciar um trabalho que deverá se tornar o último de sua carreira, se levarmos em consideração a sua idade. Então me pergunto: o que acontecerá se esse seu trabalho, que vai lhe custar tanto esforço, sair impregnado de sons daquela canção alemã? E foi pensando em tudo isso que hoje, depois de levar os jovens que contribuíram com o ensaio até a estação de trem da JR de Honmachi com Unaiko, nós duas conversamos longamente. Contei a ela que, da mesma forma que você, levado pela força do coral dos jovens atores, não conseguiu se conter e acabou juntando sua voz emocionada à deles, eu também fui, em certa medida, envolvida por aquela canção alemã. Depois de ver os jovens partirem, nós duas —

*image
not
available*

referia quando dizia, ainda nos tempos em que meu pai era vivo: “Um certo mestre que vive lá pelos lados de Kōchi tem mostrado a seu pai uns livros sobre tudo o que existe no mundo...”. Mas essa coleção eu mesmo comprei por comprar, em meus tempos de estudante, embora em versão japonesa abreviada e publicada pela editora Iwanami Bunko...

Eram os únicos livros dentro da maleta, mas o que comecei a ler em primeiro lugar foi o diário de minha mãe, o qual despertou em minha memória a imagem dela no ato de escrevê-lo: de costas para mim, ela molha a pena num pequeno tinteiro. Num dos momentos de calma de nossa tempestuosa relação, pedi a Asa que me mandasse esses volumes do diário encapados em tecido, com a promessa de que não usaria aqueles conteúdos como matéria para meus romances. Do total de quinze agora guardados na maleta, eu li alguns. E embora minha mãe soubesse muito bem o que Asa estava fazendo, essa foi a única vez que consentiu a ousadia sem nada dizer.

Pelo fato de haver lido esses diários, consegui conhecer essa outra mulher, de cuja importância eu, criança ainda, assim como minha família inteira, tinha perfeita noção. Ela era amiga de minha mãe e filha única de uma família cuja mansão se erguia no alto de uma colina de onde se avistava todo o vale. Nós a chamávamos de “tia de Xangai”. O assunto principal dos diários eram as cartas que essa “tia” escrevia para minha mãe enquanto morava em Xangai e que minha mãe transcrevia de maneira minuciosa.

Eu havia lido com entusiasmo *A maravilhosa viagem de Nils Holgersson* durante a guerra. Depois disso, descobri *As aventuras de Huckleberry Finn* entre os livros da editora Iwanami Bunko que minha mãe conseguia obter nas casas sob perpétua ameaça de bombardeio em troca de um pouco de arroz posto em pequenos sacos feitos com meias distribuídas pelo Exército, as quais ela

*image
not
available*

base nelas percorreu um caminho tão burlesco que chegava a dar pena. O bote em que embarcou sozinho (escoltado por Kogī?) acabou soçobrando e ele morreu afogado. Enquanto o afogado subia e afundava levado pela corrente, passava por todos os estágios da velhice e da mocidade de sua ainda que curta existência. Descrever cada uma dessas situações deve ser algo perfeitamente possível. E no momento em que enfim vai ser tragado pelo turbilhão, ele ouve uma canção.

*Da wischt mir die Tränen mein Heiland selbst ab.
Komm, O Tod, du Schlafes Bruder,
Komm und führe mich nur fort...*

E eu, embora baixinho, me pus até a entoar a canção.

2

No dia seguinte, quando eu me encontrava sentado diante da estante na qual acomodara todo o material que a maleta de couro vermelha continha, Masao Anai, separando-se dos jovens da trupe The Caveman que guardavam, ou melhor, carregavam para o andar térreo e organizavam os aparelhos de iluminação e gravação usados no ensaio, surgiu ao meu lado.

— Vou avisando que não estou aqui para pressioná-lo no sentido de me revelar o que já encontrou.

— Acho muito natural que você tenha curiosidade a respeito disso, mas, no momento, estou na fase de separação do material e...

— O que nós, homens, estivemos fazendo desde cedo foi puro trabalho braçal, mas o grupo feminino esteve reunido para tecer considerações a respeito do que foi e do que ainda será feito. E como terminamos parte do que estávamos fazendo, Unaiko me pediu para

*image
not
available*

dezessete anos foi exatamente essa tia. Não porque ela tivesse sido convidada para algum tipo de cerimônia: minha tia e eu apenas caminhávamos pelo extenso adro seguindo a fila de visitantes. Em dado momento, minha tia parou e começou a orar pela alma do avô dela, e como o fazia demoradamente e de maneira fervorosa, eu apenas curvei a cabeça em silêncio e permaneci a seu lado. Mas, de repente, um grito me assustou e, ao erguer a cabeça, vi que o espaço até então repleto de gente havia se esvaziado e uma cena inesquecível se desenrolava diante de mim. Uma bandeira imensa, de um tamanho que eu nunca tinha visto até então, tremulava ao vento, um pano branco com uma bola rubra no meio. Eu sabia que se tratava da bandeira japonesa, mas seu tamanho era especial, aterrorizante em sua enormidade... E tremulava porque era agitada pelo homem de traje escuro que empunhava a haste, ereta diante de si. A enorme bandeira branca com sua rodela rubra no centro agitava-se de maneira violenta no ar, preenchendo todo o meu campo visual... E ela se locomovia. Atrás dele, havia outro homem vestindo o antigo uniforme do Exército japonês: cabeça coberta por chapéu militar (de sua base na altura da nuca saía uma capa curta que lhe chegava até a altura dos ombros), esse homem desembainhou uma longa espada e a ergueu bem alto no ar. Parecia estar pronunciando algo semelhante a um juramento. As palavras eram repetidas lenta e continuamente, mas eu não conseguia captar seu sentido... Foi então que comecei a vomitar. Minha tia retirou um lenço de seu seio e tentou cobrir a metade do meu rosto com ele, mas eu continuei a vomitar com tamanho ímpeto que o lenço foi projetado para longe. Minha tia despiu seu sobretudo *haori*, com ele envolveu meu corpo sujo de vômito e me arrancou dali sem consideração alguma por meu mal-estar. Atrás de mim, que perpetrara tamanha vilania, vinha em perseguição o militar com sua

*image
not
available*

irmã me devota, pelo qual me sinto muito honrada, deverá seguir o mesmo rumo. Contudo, algo me diz que, um dia, vou me desviar da trilha que Masao está abrindo. Veja bem, Masao é homem. E acho que sua irmã leva em conta esse aspecto. Pois, também com relação ao senhor, ela me disse que é melhor não contar com sua ajuda em algum momento que, porventura, possa vir a ser crucial para mim futuramente. Ela, porém, não sendo homem, podia me ser de valia de alguma forma, acrescentou. Em seguida, concluiu dizendo que, embora não pareça, ela mesma já fez muita coisa na vida e, por causa disso, algumas vezes obrigou o irmão a desembolsar valores condizentes com a sua situação social e financeira, mas que o senhor a ajudou muito mais como escritor e, por vezes, como roteirista. Disse também que gostaria de me ver seguindo essa mesma linha de conduta. Conforme o senhor está vendo, converso muito com ela até a respeito de situações que ainda não estão bem delineadas, mas, em meio a tudo isso, algumas coisas que ela própria disse de si mesma me causaram forte impressão. A princípio, ela falava a seu respeito, sr. Chōkō, mas logo passou a se referir a si mesma. Ela disse: “Apesar de meu irmão ser do tipo que leva a vida na flauta, ocorre de ele ficar remoendo coisas passadas e se arrepender de coisas que fez ou deixou de fazer. Não para de se arrepender de coisas que aconteceram há muito tempo. Ele sempre foi assim, desde criança. E eu também tenho a mesma tendência. Mas, desde que conheci a companhia teatral The Caveman, e em especial depois de ter aprofundado minha relação com você e com a jovem ala feminina da trupe, sinto que vou conseguir vencer esse aspecto da minha personalidade. Primeiro, percebi que essas moças não ficam remoendo arrependimentos. Depois, que elas não se preocupam se as ações que praticaram agora virão ou não a ser causa de arrependimentos futuros. Muito natural, pois até hoje elas nunca se arrependeram.

*image
not
available*

masculino como os elementos de sua torcida foram posicionados na plateia, conforme havíamos estabelecido de antemão. O grupo de mulheres no palco, cada uma com seu cãozinho de estimação, combate lançando uma saraivada de sacos plásticos contendo fezes caninas na direção dos homens. Conforme o nível emocional sobe, as mulheres passam a jogar os próprios cães — e esse foi o clímax da peça construído por Unaiko. Naturalmente, tanto as fezes como os cães lançados contra a plateia eram artificiais. E o nome da peça, *Joguem o cachorro morto*, criado pela própria Unaiko, é uma referência a essa cena, ah, ah, ah!

Eu então disse, por minha vez, que tinha algo retido na memória: numa época em que os protestos da população europeia contra a Guerra do Vietnã atingiam o auge, um jovem planeja pôr fogo e matar o seu cão de estimação em público naquele romance de Günther Grass que mais parece um relatório da situação da juventude da Alemanha Ocidental.

— Se um estudante tivesse realmente feito isso (algo perfeitamente factível) em Berlim, o acontecimento teria se transformado em verdadeiro escândalo social. A peça *Joguem o cachorro morto* do grupo The Caveman também foi criticada pela Sociedade Protetora de Animais e, na posição de líder da trupe, fui chamado a prestar esclarecimentos. Eu disse que me refrearia de agora em diante, mas o pequeno grupo de intérpretes liderado por Unaiko protestou. O grupo de mulheres invadiu o teatro onde estava sendo levada a peça que substituiu *Joguem o cachorro morto* e protestou, exigindo que se protegesse a livre expressão de pequenos grupos teatrais, e quase chegaram a jogar em mim, que me apresentei para conversar com elas, fezes e cachorros mortos. À época, penei um bocado para lidar com a situação.

— Mas não a ponto de rachar o grupo The Caveman, imagino?

*image
not
available*

havia perguntado, ela detalhou: — Seu pai me explicou certa vez que encontrou a explicação no primeiro volume do grande dicionário ideográfico sino-japonês. Ele também disse que quando o professor Morohashi acabar de escrever o último volume de sua obra, não existirá nenhum ideograma que não possa ser encontrado.

Então minha mãe contou a meu pai o meu comentário a respeito disso:

— Se todas as letras que as pessoas escrevem já constam em dicionários, isso quer dizer que não existem letras novas? Que coisa mais sem graça!

— Seu pai riu bastante — disse-me ela mais tarde. — Ele também disse: “Será que esse pirralho pretende escrever alguma coisa que não consta em dicionários?”.

Naqueles dias, a única certeza que eu tinha era de que todas essas gravuras haviam sido desenhadas em papéis produzidos com cascas da árvore *mitsumata* processados por nós, mas recusados pelo departamento de impressão do governo central por estar fora do padrão. Ainda que tivesse havido algum tipo de acordo tácito que permitia a produção de papel comum com o material reprovado em inspeção governamental, a verdade é que eu tinha muito medo de estarmos usando esse tipo de papel produzido de forma oficiosa. Minha mãe, porém, reagia de maneira diferente.

— Ter o nosso produto recusado durante a inspeção deveria ser vergonhoso para nós, mas seu pai dizia com muita satisfação: “Viu como se faz um papel *washi* de boa qualidade com refugos?” — contava ela exasperada.

A cada vez que meu pai enviava esses papéis ao seu digníssimo professor de Kōchi, que ele admirava e respeitava, retornavam às mãos dele esses mesmos papéis, mas agora com ilustrações e legendas, acompanhados de cartas escritas em papel *washi* feitas com

*image
not
available*

Em outras palavras, você mesmo não tinha certeza do que ele era na realidade. Contrapondo-se a essas descrições, acho que nossa mãe viu nosso pai com justeza, muito embora ela tenha destruído suas fantasias. Certa vez, você disse que ela o odiava, mas você se lembra de eu lhe responder que não era nada disso, que ela apenas tentava ser justa com uma pessoa já falecida? Enquanto viveu, ela protestou contra as coisas que você escrevia, mas acho que, depois de morta, quis impedir que você, sugestionado pelas cartas dos amigos ligeiramente estranhos do seu pai... acabasse descrevendo-o a seu bel-prazer, exagerando suas características, uma vez que já não haveria mais ninguém disposto a protestar em nome dele, não é? Quando vejo você claramente desapontado, como neste momento... fico com pena... mas acredito, do fundo do coração, que ela agiu corretamente. Agora que já se passaram os dez anos necessários ao esfriamento dos ânimos, percebo que você está lidando serenamente com a situação... Desanimado, talvez, mas, na sua idade, desânimo é sinônimo de serenidade... Ela vem com o tempo e é algo até agradável de ser visto. Além do manuscrito da *História de um afogamento*, o qual já passei para Unaiko e colegas, li também suas fichas. Nelas encontrei breves relatos dos momentos em que você ficou observando os jovens oficiais reunidos para comer e beber na casa anexa ao depósito de nossos pais, e também dos momentos em que soldados ainda mais novos que aqueles jovens oficiais saíram remando no bote e ensinaram você a manejar o leme. Encontrei também as ocorrências da noite da inundação descritas numa única ficha, mas percebi que você não guardou na lembrança nada além do que anotou ali. À primeira vista, é um relato realístico, e o trecho em que você descreve com sua costumeira criatividade o bote de nosso pai sendo arrastado pela correnteza em meio ao dilúvio ficou muito interessante, meu irmão. Contudo, não me soou plausível. E

*image
not
available*

filho indigno de usar o nome da família. E durante todo esse tempo, ela não parou de sofrer.

Quando se calou, lágrimas começaram a correr pelo rosto de minha irmã. De um tom avermelhado quase preto, suas faces (ela não as cobria com as mãos para ocultar as lágrimas, conforme era também o hábito de minha mãe) assumiram o aspecto típico das mulheres idosas desta região, denotando claramente uma ira elementar.

— No trecho inicial da *História de um afogamento* que estou lhe devolvendo depois de quarenta anos, você diz ter esse sonho recorrente há muito tempo, não é? Você começa escrevendo que já não sabe se a fonte do sonho é uma experiência real ou se considerou real algo com que primeiramente sonhou, e sobre esse acontecimento sonhado você vem tendo sonhos recorrentes. Desde aquele dia em que, depois de retornar de Kyoto pelo trem noturno, li o seu manuscrito, sempre pensei: ora essa, ele se faz de sonso! É claro que o acontecimento ocorreu de verdade! Eu toquei numa mecha de cabelo encharcado de nosso pai, que jazia sobre cobertas na sala de visitas nos fundos da casa, aonde você me mandou para ver o que estava acontecendo! De tudo isso, deduzi o seguinte: você se aferra à sua *História de um afogamento*, apesar de insistir que não sabe se o acontecimento foi real ou se não passou de um sonho porque naquele dia em que o nosso pai saiu remando sozinho no meio da inundação e morreu, ele tinha lhe ordenado que o acompanhasse e tomasse o leme, mas você ficou enrolando, de modo que ele, sempre impaciente, saiu remando sozinho, e isso pesa em sua consciência, não é? Eu pretendia não lhe dizer porque havia prometido à nossa mãe não lhe contar, mas, naquela noite, ela estava em pé na plantação sobre o paredão de pedras e viu tudo o que aconteceu lá embaixo, no rio. E fique você sabendo que ela vivia me dizendo

*image
not
available*

animado a cumprir a tarefa, soprando e enchendo a câmara sozinho. A loja da rua que margeia o rio já não tinha nenhuma bicicleta nova para vender, só faziam consertos... E os consertos não eram feitos com peças novas, pois nem isso eles tinham mais, apenas emendavam correntes arreventadas ou aplicavam remendos com cola de borracha em câmaras furadas, de modo que, uma vez retirada a câmara, não haveria outra para substituí-la. Lembro que, desde o ano em que perdemos a guerra até o ano seguinte, Kogī preencheu com corda o pneu sem câmara de ar e circulou por todo lado com a bicicleta desse jeito. Ela rangia alto, e esse ruído anunciava de longe a chegada do menino! E o que fizeram com a câmara, depois de extraída do pneu e enchida? Foi usada como boia! Se a câmara fosse enrolada e posta dentro da maleta de couro vermelha, esta viria à tona mesmo que o bote afundasse, não é? Eu fiquei olhando as coisas que o pai de vocês punha dentro da maleta, e só vi papelada. Como foi que as pessoas que idealizaram o levante do seu pai prepararam esse movimento? O único meio de comunicação eram cartas, remetidas para lonjuras muito além de Matsuyama, já que vivemos longe de tudo, no meio desta floresta, não é? As cartas eram muitas porque, se conversassem por telefone, corriam o risco de ser ouvidos pelas operadoras. E ele queria levar toda a correspondência consigo e descer a corrente em meio àquela enchente até alcançar o trecho em que o rio se alarga e o fluxo se torna mais lento, isto é, até o ponto em que ela passa a irrigar hortas e plantações... Se conseguisse chegar até lá, seu pai pretendia desembarcar, alcançar terra firme e andar até a estação mais próxima acompanhando o trilho, e assim escapar de seus perseguidores... E caso conseguisse realmente fugir... não sei o que ele pretendia fazer depois. A única certeza que tenho é que, naquele dia, o pai de vocês decidiu fugir e escolheu ir pelo rio porque ele estava convencido de que sua decisão havia sido